A EUGENIA NAZISTA E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Erick Secco¹, Ma. Emy Francielli Lunardi²

¹Instituto Federal de Santa Catarina/Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio/Campus Chapecó/
erick.l@aluno.ifsc.edu.br

² Instituto Federal de Santa Catarina/Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio/Campus Chapecó/
emy.lunardi@ifsc.edu.br

Resumo: Partindo da leitura da obra ficcional “O Alienista” de Machado de Assis proposta numa unidade curricular do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, iniciou-se uma pesquisa sobre os principais acontecimentos envolvendo as pessoas com deficiência física e mental e definiu-se o enfoque na Alemanha nazista de modo a investigar o tratamento dado aos deficientes nesse período. Além disso, os objetivos específicos deste artigo são: explicar a teoria racial ariana, descrever o que foi e como ocorria a atuação do projeto “Eutanásia”, identificar a aceitação popular e relacionar o período estudado ao cenário apresentado pelo conto machadiano. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com a utilização de documentários, livros e artigos. Percebeu-se que Hitler sendo o führer teve liberdade para colocar em prática sua teoria racial descrita no livro “Mein Kampf”, com o apoio dos médicos, da burocracia estatal e de uma parte considerável da população. Importante destacar que o processo de segregação, experimentação científica e extermínio, muito conhecido pelo holocausto que afetou os judeus, começou afetando as pessoas com deficiências em 1939, antes da Segunda Guerra Mundial, durante as atividades do projeto Eutanásia. Apenas depois que o mundo conheceu o horror provocado pelo extermínio nazista criou-se a Organização das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que passou a tratar todos como iguais, iniciando uma nova visão sobre as pessoas com deficiência.

Palavras-Chave: Pessoas com deficiência. Nazismo. Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

A temática surgiu da discussão do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, proposta pela unidade curricular Oficina de Integração 4 do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Nesta obra, o famoso médico Simão Bacamarte propõe a construção de um local destinado ao estudo e tratamento dos doentes mentais na Vila de Itaguaí. O hospício, conhecido como Casa Verde, inicialmente abrigou os loucos enviados pela família, que antes ficavam em casa ou perambulavam livremente pelas ruas. Em pouco tempo, o doutor Bacamarte, valendo-se do saber científico considerado inquestionável e do respeito temeroso da população, passou a observar todos os moradores e aprisionou, não sem violência, aqueles que ele considera “anormais” no manicômio. Apesar da onipotência do médico e do encarceramento de membros queridos da comunidade, a reação popular foi reduzida. Por fim, decepcionado com sua incapacidade de compreender os motivos da desrazão e observando que essa era a norma, Bacamarte percebeu-se solitário e anormal no seu pleno domínio da razão, trancando a si mesmo na Casa Verde (ASSIS, 1994).

Embora seja uma obra de ficção, há aspectos realistas com relação ao poder da ciência e à forma de tratamento dos doentes mentais no século XIX. Transparece no conto o contexto da consolidação do alienismo no Brasil, enquanto área específica da

medicina que olhava a loucura como doença de fundo orgânico a ser estudada e tratada por um conjunto de especialistas e que, naquele momento, começava a retirar os loucos das ruas para encerrá-los em hospícios, de forma violenta e com poucas manifestações contrárias da população. Além disso, há que se destacar a “abrangência ilimitada da noção médica da loucura, desvinculada de suas manifestações exteriorizadas (como ‘delusões’ e ‘fúrias’) e associada a comportamentos indesejáveis” (CUNHA, 2005, p.31).

A consolidação dessa visão sobre os doentes mentais ocorre simultaneamente a e faz parte de um processo de reestruturação política a partir da adoção do regime republicano, de organização e modernização das cidades, em especial do Rio de Janeiro, de normatização das práticas sociais, de higienização e criminalização da pobreza, de eugenia racial. Na ordem social emergente, sem senhores nem escravos, era preciso reestabelecer os limites. Por isso, a separação física dos “anormais” se transformou em política pública (CUNHA, 2005).

Diante dessas correlações entre o contexto sociopolítico nacional e este conto, iniciou-se uma pesquisa sobre o tratamento dispensado às pessoas com deficiência física e mental ao longo da história, decidindo-se aprofundar a investigação sobre um momento com características similares: a Alemanha nazista. Assim, este trabalho visa compreender a forma como essas pessoas foram tratadas no período nazista, associando-a com o racismo explícito na teoria da raça ariana – que afetou judeus, mas também doentes físicos e mentais, homossexuais e outros grupos étnicos e religiosos. Além disso, pretende-se explicar o que foi o Projeto “Eutanásia”, identificar a forma de retirada de deficientes das famílias e apontar alguns dos tratamentos aos quais foram submetidos.

Este artigo justifica-se por tratar da exclusão social das pessoas com deficiência, temática de extrema relevância em vista das diversas leis de inclusão estabelecidas recentemente e que não estão incorporadas no cotidiano da maior parte da população. Além do mais, o período selecionado foi decisivo para a criação dessas leis, devido à importância que o holocausto provocado por Adolf Hitler teve nas atuais políticas mundiais que defendem os direitos humanos e protegem as pessoas com deficiência. Por fim, acredita-se que ao trazer à tona esse assunto e promover debates a esse respeito poder-se-á começar a desnaturalizar os preconceitos construídos sobre os deficientes.

2 METODOLOGIA

Este artigo descritivo foi proposto durante uma atividade de ensino sendo ampliado através de pesquisa bibliográfica em livros, artigos e trabalhos acadêmicos de

autores que descreveram o período nazista, dentre os quais, destacam-se Roney Cytrynowicz e os variados artigos publicados pelo United States Holocaust Memorial Museum. Também foram consultados diversos sites na internet e alguns documentários sobre o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto da humilhação alemã diante do Tratado de Versalhes e da grave crise econômica pela qual passava o mundo durante a Grande Depressão, o povo alemão foi conquistado pelos discursos nacionalistas de extrema direita do Partido Nazista. Com o apoio da burguesia – temerosa diante do crescimento do socialismo – em 1933, Adolf Hitler chegou ao poder na Alemanha, logo instalando um regime totalitário.

Os princípios que norteavam sua atuação e que exprimiam a ideologia nazista são expressos no seu livro *Mein Kampf*. Um dos mais importantes diz respeito à sua teoria racial. Baseado nos princípios pseudocientíficos do darwinismo social, Hitler afirmava que as características, habilidades e comportamentos dos seres humanos, bem como sua identidade étnica-nacional eram determinados por suas origens raciais, determinadas biologicamente, transmitidas de geração a geração de forma imutável.

Para definir uma raça, os darwinistas sociais criaram estereótipos, positivos e negativos, sobre a aparência, o comportamento e a cultura de diferentes grupos étnicos, os quais seriam supostamente inalteráveis e baseados em uma herança biológica que não poderia ser modificada, seja ao longo do tempo ou por diferenças de ambiente, intelecto, desenvolvimento ou socialização. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d).

Haveria uma escala evolutiva que começava com os negros, seguida pelos vermelhos (indígenas), amarelos (asiáticos) e, por fim, os brancos. Dentre estes, os nazistas acrescentaram os “arianos”, representados como sendo pessoas altas, brancas, de cabelos e olhos claros. Os alemães e demais povos germânicos do norte da Europa descenderiam dessa raça superior. A história humana seria uma “seleção natural”, baseada na constante luta racial, na qual sobreviviam apenas as raças mais fortes.

A teoria nazista defende que a raça pode ser degenerada pela miscigenação e, inversamente, pode ser purificada, aperfeiçoada e que os meios para isso são fazer a raça “superior” procriar entre si e exterminar/esterilizar todos aqueles que poderiam contribuir para o enfraquecimento dos arianos ao conter a disseminação de seus “genes defeituosos”. Essa ideia de evitar a procriação pode ser observada neste trecho:

[...] com o apoio dos cientistas alemães que acreditavam que a raça humana poderia ser aperfeiçoada através do impedimento da reprodução de indivíduos por eles considerados “inferiores”. A partir de 1933, médicos alemães foram

autorizados a realizar esterilizações forçadas, operações que impossibilitavam a procriação das vítimas. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d).

A esterilização mais comum era feita com raios X nos campos de concentração. Calcula-se que 400 mil pessoas suspeitas de possuírem os genes para cegueira, surdez e deficiência intelectual tenham sido esterilizadas nesse período (AUGUSTIN, 2012).

Essa teoria definiu que um grupo de pessoas era superior em todos os sentidos e as outras eram atrasos. Por isso, estipulou uma política segregacionista e eugenista que atingiu grupos raciais, religiosos e políticos considerados inferiores (judeus, afro-alemães, ciganos, Testemunhas de Jeová, comunistas), bem como deficientes físicos e mentais, pervertidos e depravados (homossexuais, mulheres promíscuas, alcoólatras, mendigos).

Para garantir a superioridade da raça ariana, Hitler não poderia deixar que se misturasse ou se tornasse física ou mentalmente imperfeita. Além disso, os deficientes eram considerados inúteis ao seu projeto de sociedade. Assim, o governo nazista começou o projeto Aktion T4, apelidado eufemisticamente de “Eutanásia” – nome que na verdade não poderia ser utilizado, uma vez que não se tratava de uma “morte tranquila”, nem havia “o interesse de minorar o sofrimento de uma pessoa capaz e informada de sua condição de saúde” (GOLDIM, 1998). Esse projeto começou em 1939, com a eliminação dos idosos, já que não serviam para a guerra e estavam incapacitados; dos deficientes que, como “incapazes” e “disformes”, não podiam “contaminar” e enfraquecer a sociedade; e também dos bebês até 3 anos que eram analisados por uma equipe de 3 profissionais médicos e, se houvesse consenso quanto à sua inaptidão – “uma vida que não merecia ser vivida” – eram mortos por doses letais de drogas ou por abandono (fome e faltas de cuidados). Posteriormente, esse programa se estendeu para outros setores da sociedade. Isso tudo é descrito claramente por Goldim (1998):

[...] a "Aktion T 4", que era um programa de eliminação de recém-nascidos e crianças pequenas, até 3 anos, que tinham uma "vida que não merecia ser vivida".
[...] casos de retardo mental, deformidades físicas e outras condições limitantes.
[...]

O programa logo se estendeu para adultos e velhos. Os pacientes que deveriam ser notificados eram portadores de esquizofrenia, epilepsia, desordens senis, paralisias que não respondiam a tratamento, sífilis, retardos mentais, encefalite, doença de Huntington e outras patologias neurológicas. Eram também incluídos os pacientes internados a mais de 5 anos ou criminalmente insanos. Foram acrescentados os critérios de não possuir cidadania alemã, ou ascendência alemã, discriminando especialmente negros, judeus e ciganos.

As famílias recebiam a informação de que seus familiares estavam indo para a reabilitação, que retornariam depois do tratamento, porém posteriormente recebiam uma explicação falsa de morte. Os registros contidos no United States Holocaust

Memorial Museum (s.d.) mostram a história de Helene que foi levada por sofrer de doença mental a um Hospital Público, suposto lugar para ser reabilitada, porém, na realidade, foi levada a um campo de concentração, onde foi morta envenenada por gás:

[...] Helene havia sido levada para uma prisão em Brandenburg, na Alemanha, onde foi forçosamente despida, sujeita a exames médicos, e depois levada para um aposento em que havia duchas. Helene foi uma das 9.772 pessoas envenenadas por gás, naquele ano, no centro de "Eutanásia" de Brandenburg. A informação oficial sobre a causa de sua morte foi a de uma "crise esquizofrênica aguda."

Esses extermínios de deficientes eram feitos em campos de concentração, disfarçados de manicômios, excluindo os bebês que eram mortos logo que nasciam no próprio hospital. Esses "manicômios" foram, além de um lugar de extermínio em massa, uma espécie de treino para o futuro extermínio de outros grupos considerados inferiores pela teoria nazista. Nesse sentido, Roney Cytrynowicz (1995, p. 217) aponta:

Eu gostaria de fazer um parêntesis e lembrar que, a rigor, a primeira câmara de gás foi utilizada contra pacientes de um hospital psiquiátrico no programa nazista chamado de "eutanásia", que matou cerca de 100 mil alemães considerados "doentes mentais e incuráveis", entre eles epiléticos, surdos, cegos, pessoas com lábio leporino, às vezes também pessoas consideradas "associais" e judeus. A eutanásia foi oficialmente suspensa devido a protestos de setores da igreja, pressões que não ocorreram depois contra o extermínio dos judeus.

Além do extermínio, muitas experiências médicas bizarras¹ foram realizadas com os prisioneiros dos campos de concentração nessa época. As experiências podiam ter a finalidade de melhorar a sobrevivência dos soldados alemães (com relação aos efeitos da altitude e do frio), e de desenvolver e testar novos remédios e tratamentos para doenças (caso de agentes imunizantes, soros e enxertos ósseos), ou podiam estar relacionadas à ideologia racial nazista, buscando provas físicas da superioridade ariana e da inferioridade não-ariana. No caso específico das pessoas com deficiência, as experiências consistiam em buscar suas causas, para evitá-las na 'raça superior'.

É preciso ressaltar que o projeto Eutanásia só funcionou, pois os médicos se comprometeram a analisar fichas e classificar as deficiências, para proceder a captura e posterior prisão dessas pessoas. Além disso, o sigilo do projeto foi importante já que estava levando a protestos. O Eutanásia foi fechado oficialmente em 24 de agosto de 1941, porém, em sigilo, continuou na ativa matando mais de 200.000 deficientes até 1945 (GOLDIM, 1998; UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d).

¹ Uma das experiências mais conhecidas era aplicada aos gêmeos, que eram separados e, enquanto um deles passava por torturas, cortes, injeções, infecção por doenças, o outro era analisado para ver se tinha os mesmos sintomas. Veja-se a história dos irmãos Guttman: https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_oi.php?ModuleId=10005142&MediaId=84 e https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_oi.php?ModuleId=0&MediaId=77

Apesar dessa teoria ter se espalhado e servido de base para uma “limpeza étnica” responsável pela morte de mais de 6 milhões de pessoas, ela nunca foi provada, nem mesmo com todos os experimentos realizados. Hoje em dia sabe-se que não existe uma raça superior e o próprio conceito de “raças” não é mais utilizado, pois segundo vários estudos biológicos e genéticos, os seres humanos não tem distinção significativa entre si, ou seja, somos todos iguais, pertencentes a mesma espécie. Em relação às pessoas com deficiência, esse foi um dos períodos de maior exclusão e repercutiu internacionalmente com tanta força que, ao final da Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas logo proclamou a igualdade de todos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, iniciando uma nova fase de inclusão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando comparativamente o conto *O Alienista* e o período nazista na Alemanha, pode-se observar diversas semelhanças: em primeiro lugar, tanto o dr. Bacamarte quanto Hitler tinham liberdade de atuação e onipotência para pôr em prática aquilo que pregavam e para determinar o que era ser “anormal” naquele contexto social, fosse a divisão entre loucos e normais, ou entre racialmente superiores e inferiores. Ambos foram capazes de convencer a população, com a razão ou o carisma, tendo pouca reação abertamente contrária. Os dois também contaram, inicialmente, com a colaboração da população que enviava seus doentes para o tratamento. Além disso, em ambos os cenários pode-se constatar o papel da ciência que justificava esses tratamentos (hoje considerados ultrapassados), a convivência médica e seu interesse em usar os pacientes como cobaias, bem como o forte papel segregacionista assumido por suas políticas de ação. Ironicamente, o fim dos dois personagens também foi similar e impôs a eles o mesmo que impuseram aos demais: Bacamarte concluiu que “anormal” era seu excesso de razão e trancou-se na Casa Verde, enquanto Hitler, pressionado pelas derrotas, acabou não conseguindo engrandecer a raça ariana e a Alemanha, suicidando-se.

REFERÊNCIAS

a) Artigos de revistas:

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Hospício a céu aberto. **Revista de História**, Rio de Janeiro, ano 1, n.2, p.27-31, ago.2005.

b) Livros:

CYTRYNOWICZ, Roney. **Segunda Guerra Mundial**: um Balanço Histórico. São Paulo: Ed. Xamã, 1995.

c) Capítulo de livro:

ASSIS, Machado de. O alienista. In: _____. **Obra Completa**. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

d) Dissertações e teses:

AUGUSTIN, Ingrid Renata Lopes. **Concepções de membros do Conselho Municipal de Educação acerca da educação da pessoa com deficiência intelectual**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS.

LEMOS, Douglas. **Deficiência e Exclusão Social: Uma contribuição à inclusão sócio-jurídica dos portadores de necessidades especiais**. 2009. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC.

e) WWW (World Wide Web) e FTP (File Transfer Protocol),

FERNANDES, Cláudio. **Eugenia Nazista**. História do Mundo, [s.d.]. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/eugenia-nazista.htm>> Acesso em: 27/06/2016

GOLDIM, José Roberto. **Eutanásia: Alemanha nazista, 1939-1941**. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/eutnazi.htm>> Acesso em: 27/06/2016

KUMMETZ, Pablo. **Historiadores investigam destino das vítimas da eutanásia nazista. DW Made For Minds**, 02/12/2008. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/historiadores-investigam-destino-das-v%C3%ADtimas-da-eutan%C3%A1sia-nazista/a-3842066>> Acesso em: 27/06/2016

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf> Acesso em: 17/06/2016

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **As experiências médicas nazistas**. Washington, DC, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005168>> Acesso em: 17/06/2016.

_____. **O extermínio dos deficientes**. Washington, DC, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007683>> Acesso em: 17/06/2016.

_____. **Racismo: uma visão geral**. Washington, DC, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005184>> Acesso em: 17/06/2016.

_____. **Vítimas do período nazista: a ideologia racial nazista**. Washington, DC, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007457>> Acesso em: 17/06/2016.

f) Documentários

ALVES, Luiz. **Fatos desconhecidos: Como funcionava um Campo de Extermínio?** Goiânia: Grupo PHN, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_pSO193Y_CI> Acesso em: 26/06/2016.

BARON, Saskia. **Auschwitz - Experimentos Médicos**. In: BARON, Saskia. **Science and the Swastika: The Deadly Experiment**. Inglaterra: Darlow Smithson Productions, Channel 4 Television Corporation, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7SAiaEuiDXU>> Acesso em: 26/06/2016

DALE, Liam. **A história da Segunda Guerra Mundial - O caminho para a guerra**. Ep. 01. Vibe Productions Ltda, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MACdsTSMppU&list=PLeYUQ7brWNksHMIzEdx5Y1J36-9alfj46>> Acesso em: 26/06/2016.